

Cientistas revelam recife submerso na costa amazônica

Categories : [Notícias](#)

Manaus, AM -- Submerso pela água barrenta, mistura da vazão da Bacia Amazônica com o mar, um recife até agora desconhecido se estende por cerca mil quilômetros, entre a costa do Maranhão e da Guiana Francesa. Diferente da imagem conhecida, de recifes formados por corais coloridos, na costa amazônica predominam esponjas e algas calcárias, que se adaptam melhor à falta de luz.

A descoberta foi publicada na edição de 18 de abril, da revista científica *Science*, por uma equipe de pesquisadores brasileiros e americanos, e é resultado de duas expedições, a primeira realizada a bordo do navio americano *RV Atlantis* e a segunda, já com uma equipe totalmente nacional, no navio da marinha brasileira *Cruzeiro do Sul*.

“O que chama a atenção nesse recife são as esponjas”, conta o principal responsável pela descoberta, o biólogo brasileiro Rodrigo Leão Moura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “Não é um recife de coral, como estamos acostumados, mas é um recife diferente, com muitas esponjas e algas calcárias, porque chega pouca luz”, completa.

De acordo com ele, nessa ambiente de mais de 9 mil quilômetros quadrados, área equivalente à Grande São Paulo, é possível dar uma ideia de como o cenário de mudanças climáticas extremas podem afetar os recifes. “Os corais morrem, as esponjas se tornam mais abundantes e principalmente, os microorganismos passam a dominar o sistemas, principalmente bactéria e arqueas”, explica.

Americanos surpresos

A descoberta não foi ao acaso, mas surpreendeu os americanos que realizavam a primeira expedição no *RV Atlantis*, até porque a intenção principal da viagem era estudar como os elementos carregados pelo Rio Amazonas afetavam a absorção de Dióxido de Carbono pelo mar. Moura e outros brasileiros tinham aproveitado a viagem para confirmar a existência e localizar um recife que se esperava encontrar naquela região.

“A gente já vinha juntando indícios (da existência do recife) há alguns anos”, recorda Rodrigo Moura. “Tinha que haver um recife grande em algum lugar. As estatísticas de pesca indicavam. Tem muita produção de lagosta no Pará, de onde vem? Tem muita produção de pargo, de onde vem?”, destaca.

A descrença inicial dos americanos foi superada graças a um artigo escrito em 1977 que demonstrava a existência de espécies típicas de recifes sendo dragadas na foz do Amazonas. Ao

longo de duas semanas e meia de trajeto, entre Barbados (Caribe) e a costa amazônica, os brasileiros tinham pouco tempo, mas aproveitaram para ficar atentos ao sonar, que descrevia o fundo do mar. Assim, quando teve a oportunidade, Moura sabia onde jogar a draga para confirmar a existência do Recife.

Ele lembra que foi uma grande alegria encontrar no material trazido do fundo do mar, corais, esponjas, estrelas do mar, que confirmavam a existência do ambiente. Em 2014, os brasileiros voltaram à região para mais estudos, desta vez a bordo do Cruzeiro do Sul, navio científico da Marinha.

Neste ambiente recém-revelado, a pluma do Amazonas, formada pelo material que desce carregado pelo grande rio, tem um papel fundamental. Na parte sul, coberta três meses por ano, ocorre mais fotossíntese, permitindo o crescimento de corais mais coloridos. Porém, ao norte, onde a lama do grande rio protege o fundo do mar em mais da metade do ano, esse recife é dominado por esponjas e criaturas carnívoras.

Novos desafios

Para Rodrigo Moura, ainda há desafios a ser vencidos. Um deles é estudar melhor a biodiversidade e o potencial biotecnológico das espécies da região. Mas mais importante é conhecer melhor o ambiente, já que a região é palco de uma futura exploração de gás e petróleo.

“A gente precisa entender os detalhes da distribuição destes recifes, inclusive para evitar o conflito com a exploração da área de óleo e gás”, defende o pesquisador. “É preciso fazer um mapeamento mais detalhado, para que dutos e estrutura usados na exploração sejam colocados em local que prejudique menos o sistema.”

Saiba Mais

Artigo: [“An extensive reef system at the Amazon River mouth”](#).

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/noticias/27223-rio-amazonas-digere-arvores-arrastadas/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/frederico-brandini/22704-mar-e-aquecimento-global/>

<http://www.oeco.org.br/noticias/28078-infoamazonia-as-nascentes-do-rio-amazonas-estao-no-rio-mantaro/>